



AUTOBIOGRAFIA

NELSON MANDELA

UM LONGO CAMINHO
PARA A LIBERDADE

**Um longo caminho para a liberdade/Autobiografia de Nelson Mandela;
trad. Victor Antunes, rev. Fernanda Fonseca; Lisboa: Planeta Manuscrito,
2012; 599 pág.**

Autobiografia de Nelson Mandela

Um longo caminho para a liberdade

Tradução

Victor Antunes

Planeta

Grupo Planeta

PLANETA MANUSCRITO

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito

1200-242 Lisboa. Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1994, 1995, Nelson Rolihlahla Mandela

© 2009, Planeta Manuscrito

Título original: *Long Walk to Freedom*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.^a edição: Fevereiro de 2012

Depósito legal n.º 338767/12

Impressão e acabamento: Guide - Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-168-9

www.planeta.pt

Dedico este livro aos meus seis filhos, Madiba e Makaziwe (a minha filha mais velha), já ambos falecidos, e a Makgatho, Makaziwe, Zenani e Zindzi, cujo amor e carinho me é precioso; aos meus vinte e um netos e três bisnetos, que tanta felicidade me dão; e a todos os meus amigos, camaradas e compatriotas sul-africanos a quem sirvo, e cuja coragem, determinação e patriotismo continuam a ser para mim uma fonte de inspiração.

Índice

Agradecimentos... 11

Parte um

Uma infância rural... 15

Parte dois

Joanesburgo... 69

Parte três

O despertar de um combatente da liberdade... 99

Parte quatro

A luta é a minha vida... 143

Parte cinco

A traição... 193

Parte seis

A Pimpinela Negra... 253

Parte sete

Rivónia... 295

Parte oito

Robben Island: os anos negros... 361

Parte nove

Robben Island: o despontar da esperança... 423

Parte dez

Em conversações com o inimigo... 479

Parte onze

A liberdade... 523

Agradecimentos

Como os leitores irão descobrir, este livro tem uma longa história. Comecei a escrevê-lo em segredo no ano de 1974, quando estava preso em Robben Island. Sem o trabalho incansável dos meus camaradas Walter Sisulu e Ahmed Kathrada, que me reavivaram a memória, é possível que nunca tivesse terminado o manuscrito original. A cópia desse manuscrito, que tinha guardada, foi descoberta pelas autoridades, que a confiscaram. Contudo, e para além das suas extraordinárias capacidades de calígrafos, os meus companheiros de prisão Mac Maharaj e Isu Chiba asseguraram que o original chegasse são e salvo ao seu destino. Retomei o trabalho depois de sair da prisão, em 1990.

Desde que saí da prisão a minha agenda tem estado sobrecarregada com inúmeras obrigações e responsabilidades que me têm deixado pouco tempo para escrever. Felizmente, tenho tido o auxílio de amigos e colegas dedicados e profissionais competentes que me ajudaram a completar o trabalho e a quem manifesto a minha gratidão.

Estou profundamente agradecido a Richard Stengel, que colaborou comigo na criação deste livro e cujo auxílio foi precioso na correcção e revisão da parte inicial e na redacção do restante. Recordo com agrado os nossos passeios matinais no Transkei e as muitas horas de entrevistas em Shell House, Joanesburgo, e na minha casa de Houghton. Devo um agradecimento especial a Mary Pfaff, que auxiliou Richard no seu trabalho. Beneficiei também do apoio e dos conselhos de Fatima Meer, reter Magubane, Nadine Gordimer e Ezekiel Mphahlele.

Quero manifestar um especial reconhecimento ao meu camarada Ahmed Kathrada pelas muitas horas que gastou a rever, a corrigir e a imprimir um cunho de verdade nesta história. Os meus agradecimentos também ao pessoal do meu gabinete no ANC, que pacientemente se encarregou das questões logísticas relacionadas com a feitura do livro, e muito em particular a Barbara Masekela, pela sua eficiente coordenação. Do mesmo modo, Iqbal Meer dedicou muitas horas a tratar dos aspectos comerciais do livro. Agradeço também ao meu editor, William Phillips, de Little, Brown & Co., que conduziu este projecto desde o

princípio de 1990 e que foi editor do texto, e aos seus colegas Jordan Pavlin, Steve Schneider, Mike Mattil e Donna Peterson. O meu reconhecimento também à professora Gail Gerhart, pela sua revisão factual do original.

[11]

1

Para além da vida, de uma sólida compleição física e de um vínculo à casa real dos tembos, a única coisa que o meu pai me deixou foi um nome, Rolihlahla. Em língua xossa, Rolihlahla quer dizer, literalmente, «puxar um ramo de árvore», mas o seu significado mais corrente é «agitador». Não creio que os nomes marquem o destino, nem que o meu pai tenha de algum modo adivinhado o meu futuro, mas nestes últimos anos tanto os amigos como os membros da minha família têm atribuído ao meu nome as muitas tempestades que causei ou que tive de enfrentar. O meu nome inglês e cristão, bem mais conhecido, foi-me atribuído no primeiro dia de escola. Mas já me estou a adiantar.

Nasci no dia 18 de Julho de 1918, em Mvezo, um minúsculo lugarejo nas margens do rio Mbashe, no distrito de Umtata, a capital do Transkei. O ano em que nasci assinalou o final da Grande Guerra, o eclodir de uma epidemia de gripe que vitimou milhões de pessoas por todo o mundo e a visita de uma delegação do Congresso Nacional Africano à Conferência de Paz de Versalhes para denunciar as injustiças sofridas pelo povo da África do Sul. Mas Mvezo era um lugar à parte, um espaço ínfimo, afastado dos grandes eventos do mundo, onde a vida decorria mais ou menos como tinha sido durante centenas de anos.

O Transkei está situado mil e duzentos quilómetros a leste da Cidade do Cabo e oitocentos e vinte e cinco quilómetros a sul de Joanesburgo, entre o rio Kei e a fronteira do Natal; a norte é limitado pelas montanhas alcantiladas da cordilheira de Drakensberg e a leste pelas águas azuis do oceano Índico. É uma terra linda, de colinas ondulantes e vales férteis, sulcados por uma miríade de rios e cursos de água menores, que conservam a verdura da paisagem mesmo durante o Inverno. O Transkei é uma das grandes divisões territoriais da África do Sul, com uma superfície equivalente à da Suíça

[17]

e uma população de cerca de três milhões e meio de xossas, para além de uma

pequena minoria de basutos e de brancos. É a terra onde vive o povo tembo, que faz parte da grande nação xossa, à qual pertence.

Gadla Henry Mphakanyiswa, o meu pai, era um chefe pela linhagem e pela tradição. Foi confirmado como chefe de Mvezo pelo rei da tribo tembo, mas sob o domínio britânico esta escolha teve de ser aprovada pelo Governo, representado em Mvezo pelo magistrado local. Na sua qualidade de chefe nomeado pelo Governo, o meu pai tinha direito a uma parte das taxas cobradas à comunidade para efeitos de vacinação do gado e uso das pastagens comunais. Embora a função de chefe fosse venerável e respeitada, há setenta e cinco anos já se encontrava desacreditada por causa do controlo exercido pelo detestado governo dos brancos.

A origem da tribo tembo remonta a vinte gerações, ao rei Zwide. Segundo a tradição, o povo tembo vivia nos contrafortes das montanhas Drakensberg e no século XVI empreendeu um movimento migratório em direcção à costa, onde foi absorvido pela nação xossa. Os xossas fazem parte do povo *nguni*, que viveu, caçou e pescou nas regiões ricas e temperadas do Sudeste da África do Sul, entre o grande planalto interior, a norte, e o oceano Índico, a sul, pelo menos desde o século XI. OS *nguni* podem ser classificados em dois grupos: a norte, os povos zulo e suazi, e a sul os amaBaca, os amaBomyana, os ama-Gcaleke, os amaMfengu, os amaMpodomis, os amaMpondo, os abeSoto e os abeTembo. Todos juntos, formam a nação xossa.

Os xossas são um povo orgulhoso, de cultura patriarcal, dotado de uma língua melodiosa e expressiva, e que crê em absoluto na importância das leis, da educação e das boas maneiras. A sociedade xossa caracterizava-se por uma ordem social harmoniosa e equilibrada, na qual todos os indivíduos tinham consciência do seu lugar. Todos os xossas pertencem a um clã, que tem um antepassado comum. Eu faço parte do clã Madiba, que recebeu o nome de um chefe tembo que governou o Transkei no século XVIII. É frequente interpelarem-me por Madiba, o nome do meu clã, o que é uma manifestação de respeito.

Ngubengcuka, que foi um dos monarcas mais importantes e morreu em 1832, foi o unificador da tribo tembo. Como era próprio da tradição, tomou por esposas mulheres oriundas das principais casas reais: a Casa Grande, de onde é escolhido o herdeiro, a Casa da Mão Direita, e a Ixhiba, uma casa de importância menor, por vezes referida como a Casa da Mão Esquerda. A missão dos filhos da

Ixhiba, ou Casa da Mão Esquerda, era sanar as disputas do trono. Mthikrakra, o filho mais velho da Casa Grande, sucedeu a Ngubengcuka, e entre os seus filhos contavam-se Ngangalizwe e Matanzima. Sabata, que governou os tembos a partir de 1954, era neto de Ngangalizwe e hierarquicamente superior a Kalzer Daliwonga, mais conhecido por K. D. Matanzima, antigo primeiro-ministro do Transkei - meu sobrinho

[18]

por lei e tradição - que era descendente de Matanzima. O filho mais velho da Casa de Ixhiba *era* Simakade, irmão mais velho de Mandela, o meu avô.

Embora ao longo dos anos tenham aparecido muitas histórias em que surjo na linha de sucessão ao trono dos tembos, a simples genealogia que acabo de descrever relega essas histórias para a categoria de mitos. Embora fizesse parte da família real, não me contava entre os poucos privilegiados que eram educados para governar. Na minha qualidade de membro da Casa Ixhiba, fui, isso sim, e à semelhança do meu pai, preparado para ser conselheiro dos governantes.

O meu pai era um homem alto, de pele escura, com uma pose erecta e imponente, que gosto de pensar que herdei. Mesmo por cima da testa ostentava uma madeixa de cabelos brancos, e quando eu era garoto tinha por costume esfregar a cabeça com cinzas brancas para me parecer com ele. Era um homem austero, que não dispensava a vara quando se tratava de disciplinar os filhos. A sua teimosia era inexcedível, outra característica que, infelizmente, parece ter passado de pai para filho.

Já por diversas vezes o meu pai foi referido como primeiro-ministro da Tembolândia durante os reinados de Dalindyebo, pai de Sabata, que reinou nos primeiros anos do século xx, e do filho deste, Jongintaba, que lhe sucedeu no trono. É uma designação errada, pois esse cargo nem existia, mas o papel que desempenhava não era muito diferente do que está implícito nessa designação. Como conselheiro respeitado desses dois reis, acompanhava -os nas suas deslocações e em geral estava ao seu lado nas reuniões importantes com os funcionários governamentais. Era um reconhecido guardião da história e dos costumes dos xossas, e era sobretudo por essa razão que o seu conselho era

valorizado. O interesse que sempre nutri pela história foi desde muito cedo encorajado por ele. Embora não soubesse ler nem escrever, tinha a fama de ser um excelente orador, que cativava as audiências, divertindo-as ao mesmo tempo que lhes transmitia os seus conhecimentos.

Mais tarde vim a descobrir que o meu pai não só aconselhava os reis como os entronizava. Depois da morte prematura de Jongilizwe, na década de 1920, esperava-se que subisse ao trono o filho deste com a Primeira Esposa, mas Sabata era demasiado jovem para ocupar o trono. Seguiu-se uma disputa sobre qual dos três filhos mais velhos de Dalindyebo por via de outras esposas - Jonjintaba, Dabulamanzi e Melithafa - deveria ser escolhido para reinar. Consultado, o meu pai optou por Jongintaba, por este ser o mais culto. Segundo ele, Jongintaba não só seria um fiel guardião da coroa como um excelente mentor para o jovem príncipe. Tanto o meu pai como outros chefes influentes nutriam imenso respeito pela educação formal, como é frequente entre aqueles que nunca a receberam. Esta recomendação não foi isenta de controvérsia, dado que a mãe de Jongintaba provinha de uma casa de menor importância, mas a escolha do meu pai acabou por ser

[19]

aceite tanto pelos tembos como pelo Governo britânico. Jongintaba viria a retribuir-lhe o favor de uma maneira que o meu pai nunca teria imaginado.

Ao todo, o meu pai teve quatro esposas, a terceira das quais, Nosekeni Fanny, minha mãe, era filha de Nkedama, do clã xossa amaMpemvu, e pertencia à Casa da Mão Direita. Todas estas mulheres - a Primeira Esposa, a esposa da Casa da Mão Direita (minha mãe), a esposa da Casa da Mão Esquerda e a esposa da casa de Iqadi, ou Casa Auxiliar - tinham o seu próprio *kraal*. Um *kraal* é uma casa com terrenos anexos, que geralmente incluem um recinto vedado para animais, campos para sementeiras e uma ou mais cabanas de colmo. Os *kraals* das mulheres do meu pai situavam-se a grande distância uns dos outros, e ele visitava-os alternadamente. Durante estas visitas, o meu pai gerou treze filhos, quatro rapazes e nove raparigas. Eu sou o filho mais velho da Casa da Mão Direita e o mais novo dos quatro filhos varões do meu pai. Tenho três irmãs: Baliwe, a mais velha, Notancu e Makhutswana. Embora o filho mais velho do meu pai fosse Mlahlwa, o seu sucessor como chefe foi Daligqili, filho da Casa

Grande, que morreu no princípio da década de 1930. Com excepção da minha pessoa, todos os filhos varões do meu pai já morreram e eram todos meus superiores hierárquicos, não só pela idade como pelo estatuto de que gozavam.

Tinha eu pouco tempo de vida quando o meu pai se envolveu numa disputa que teve por consequência a perda do seu posto de chefe em Mvezo e que revelou um defeito do seu carácter que julgo ter transmitido ao filho. Acredito que, mais do que a origem biológica, o que nos molda verdadeiramente o carácter é a educação, mas o meu pai possuía um orgulho rebelde e um sentido obstinado de justiça que reconheço em mim próprio. Na sua qualidade de chefe - de régulo, como era geralmente conhecido entre os brancos - o meu pai era obrigado a apresentar explicações dos seus actos não só ao rei dos tembos como ao magistrado local. Certo dia, um dos súbditos do meu pai apresentou uma queixa contra ele por causa de um boi extraviado. Na sequência dessa queixa, o magistrado ordenou a comparência do meu pai. Quando este recebeu a convocatória, respondeu do seguinte modo: *Andizi, ndisaqula* «Não vou, estou a preparar-me para a batalha». Ora nesses tempos não era sensato desafiar um magistrado, pois tal atitude seria considerada insolente - o que neste caso correspondia à verdade.

A resposta do meu pai denotava implicitamente que não reconhecia a autoridade do magistrado. Quando se tratava de questões tribais não se guiava pelas leis do rei de Inglaterra, mas sim pelos costumes dos tembos. Não era um problema de susceptibilidade, mas uma questão de princípio. Uma afirmação das suas prerrogativas de chefe e um desafio à autoridade do magistrado.

[20]

Assim que recebeu a resposta do meu pai o magistrado acusou -o de insubordinação. Não houve inquérito nem investigação - isso estava reservado para os funcionários brancos. O magistrado limitou-se a demiti-lo, pondo assim termo à chefia hereditária da família Mandela.

Nesse tempo não me dei conta destes acontecimentos. O meu pai, que pelos padrões da época era um aristocrata rico, perdeu não só a fortuna como o título. Foi-lhe sonogada grande parte das terras e do gado e os respectivos rendimentos. Confrontada com estas dificuldades, a minha mãe mudou-se para

Qunu, uma aldeia um pouco maior, a norte de Mvezo, onde podia contar com o apoio da família e dos amigos. Em Qunu, a nossa vida era menos faustosa, mas foi nessa aldeia próxima de Umtata que vivi os dias mais felizes da minha infância e é de lá que provêm as minhas primeiras recordações.

2

Aaldeia de Qunu estava situada num vale estreito e viçoso, atravessado por diversos cursos de água límpidos, no sopé de colinas verdejantes. A população era constituída por algumas centenas de pessoas, que viviam em cabanas em forma de colmeia, com paredes de lama seca e no centro um poste de madeira que sustentava o tecto cónico, feito de colmo. O chão era revestido com fragmentos esmagados de ninhos de térmitas, que se conservava macio por adição de excrementos de vaca frescos. O fumo da fogueira escapava-se pela cobertura de colmo, e a única abertura era uma porta baixa, por onde só se passava dobrado. Em geral, as cabanas estavam agrupadas em zonas residenciais, a alguma distância dos campos de cultivo do milho. Não havia estradas, apenas carreiros abertos entre as ervas pelos pés descalços dos rapazes e das mulheres. As mulheres e as crianças da aldeia cobriam-se com mantas tingidas de ocre; só os poucos cristãos que lá viviam usavam roupas de estilo ocidental. O gado, as ovelhas, as cabras e os cavalos pastavam juntos nos terrenos comuns. Em redor de Qunu, a terra era quase totalmente desprovida de arvoredo, com excepção de um pequeno bosque de choupos numa colina sobranceira ao povoado. A terra propriamente dita era propriedade do Estado. Com raras excepções, os africanos de então não tinham o direito de possuir terras na África do Sul, eram apenas arrendatários que pagavam uma renda anual ao Governo. Naregião havia duas escolas primárias, uma loja que vendia de tudo e um tanque onde se desparasitava o gado para evitar as doenças.

O milho, o sorgo, o feijão e as abóboras eram a componente principal da nossa alimentação, não porque tivéssemos alguma preferência especial por esses alimentos, mas porque a maioria das pessoas não tinha dinheiro para

[21]

nada mais substancial. Na nossa aldeia, as famílias mais abastadas complementavam as refeições com chá, café e açúcar, mas para a maioria dos aldeões de Qunu esses ingredientes eram produtos exóticos que estavam para além das suas posses. A água para rega, para cozinhar e para as lavagens tinha de

ser acartada em baldes, das fontes ou dos ribeiros. Era um trabalho das mulheres e Qunu era uma aldeia sobretudo de mulheres e crianças, pois a maioria dos homens passava grande parte do ano a trabalhar em fazendas distantes ou nas minas do Reef, a grande cordilheira de rochas auríferas e xisto que define a sul os limites de Joanesburgo. Em geral, os homens regressavam à aldeia duas vezes por ano, para cultivar os campos. A monda, o sachar dos campos e as colheitas estavam a cargo das mulheres e das crianças. No povoado poucos ou nenhuns sabiam ler e escrever e o conceito de educação formal continuava a ser estranho para a maioria.

Em Qunu, a minha mãe presidia a três cubatas, que tanto quanto me recorde estavam sempre cheias de bebés e de crianças pequenas dos nossos parentes e amigos. Não me consigo lembrar de nenhuma situação da minha infância em que tenha estado sozinho. Na cultura africana, os filhos e as filhas das nossas tias e tios são considerados irmãos e não primos. Não fazemos as mesmas distinções de parentesco que os brancos fazem. Não temos meios-irmãos ou meias-irmãs, a irmã da minha mãe é minha mãe, o filho do meu tio é meu irmão e os filhos do meu irmão são meus filhos.

Das três cubatas da minha mãe, uma servia para cozinhar, outra para dormir e outra era usada como armazém. Na cubata onde dormíamos não havia mobílias, como no Ocidente. Dormíamos sobre esteiras e sentávamo-nos no chão. A primeira vez que vi uma almofada foi já em Mqhekezweni. A minha mãe cozinhava numa panela de ferro com três pés directamente em cima do fogo, quer dentro quer fora da cubata. Tudo quanto comíamos tinha sido criado ou semeado por nós. A minha mãe tinha a sua própria cultura de milho, que semeava e colhia. O milho era apanhado quando as maçarocas estavam duras e secas e guardado em sacos ou em buracos escavados no chão. As mulheres preparavam o milho de várias maneiras diferentes. Tanto podiam esmagar os grãos entre duas pedras para fazer pão, como cozê-lo primeiro para fazer o *umphothulo* (farinha de milho que se come com leite azedo), ou o *umngqusho* (farinha grossa, que se come simples ou misturada com feijão). Ao contrário do milho, que por vezes era escasso, não faltava o leite proveniente das nossas cabras e vacas.

Desde pequeno que me habituei a passar o tempo no *veld* (campo), a brincar e a lutar com os outros miúdos da aldeia. Um rapaz que ficasse em casa agarrado ao avental da mãe era considerado um mariquinhas. À noite, partilhava a comida e a manta com esses mesmos rapazes. Não tinha mais de cinco anos

quando comecei a apascentar as ovelhas e os bezerros. Descobri então a ligação quase mística que existe entre os xossas e os seus animais,

[22]

não só como fonte de alimento e de riqueza mas também de felicidade e uma dádiva de Deus. Foi nos campos que aprendi a caçar pássaros com uma fiska, a apanhar mel das colmeias selvagens, a colher frutos e raízes comestíveis, a beber leite quente e doce directamente das tetas de uma vaca, a nadar nos ribeiros de águas frias e cristalinas, a apanhar peixes com um arame aguçado preso na extremidade de um cordel. Aprendi a lutar com um pau - um conhecimento essencial para um jovem camponês africano e tornei-me destro em várias técnicas de aparar golpes, fingir que atacava por um lado e fazê-lo por outro, e afastar-me do adversário com um rápido movimento dos pés. Foi nesses tempos que criei uma afeição apaixonada pelos campos, pelos espaços abertos, pela beleza do mundo natural e pela linha distinta do horizonte.

Estávamos entregues ao nosso próprio engenho. Os brinquedos que tínhamos eram feitos por nós. Moldávamos animais e pássaros de barro. Com ramos de árvores, construíamos trenós que os bois puxavam. A natureza era o nosso pátio de recreio. Nas colinas em redor de Qunu havia enormes rochas lisas por onde escorregávamos em cima de pedras chatas. Fazíamos isto tantas vezes até que o traseiro nos doía e mal nos podíamos sentar. Aprendi a montar no dorso de vitelos desmamados. Depois de cairmos várias vezes, acabávamos por lhe apanhar o jeito.

Um dia, um burro rebelde deu-me uma lição. Tínhamos estado a montá-lo à vez e quando chegou a minha ocasião saltei-lhe para as costas. O animal desatou a correr em direcção a um arbusto espinhoso. Baixou a cabeça, para me fazer cair, o que conseguiu, não sem que antes os espinhos me picassem e arranhassem a cara, para minha grande vergonha perante os outros rapazes. Tal como os orientais, os africanos têm um profundo sentido da dignidade, aquilo a que os chineses chamam «a face». Perdi a face na presença dos meus amigos. Embora tenha sido um burro a atirar-me ao chão, aprendi que humilhar outra pessoa é fazê-la sofrer de maneira desnecessariamente cruel. Ainda em rapaz, quando derrotava os meus adversários, não os humilhava.

Em geral os rapazes brincavam só uns com os outros, mas por vezes deixávamos que as nossas irmãs tomassem parte na brincadeira. Brincávamos a um jogo chamado *ndize* (escondidas) e também ao *icekwa* (toca-e-foge). Mas o jogo que eu mais gostava de partilhar com as raparigas era o *khetha*, ou «escolhe-de-quem-gostas-mais». Não era um jogo organizado, mas sim um impulso do momento, quando encontrávamos um grupo de raparigas da nossa idade e pedíamos a cada uma delas que escolhesse o rapaz da sua preferência. As regras ditavam que a escolha tinha de ser respeitada e depois de ela ter escolhido o seu preferido podia seguir caminho, escoltada pelo felizardo. Mas as raparigas eram espertas - muito mais espertas do que os idiotas dos rapazes - e muitas vezes combinavam entre si escolher um

[23]

rapaz, em geral o mais pateta do grupo, de quem depois troçavam durante o resto do caminho até casa.

O jogo mais popular entre nós era o *thinti*, que como muitas brincadeiras de rapazes era um simulacro de batalha. Enterravam-se firmemente no chão dois paus, que serviam de alvo, a uma distância de trinta metros. O objectivo de cada equipa era atirar paus ao alvo dos contrários, de modo a derrubá-lo. Tínhamos a obrigação de defender o nosso alvo e de evitar que os outros pudessem voltar a apanhar os paus que tinham atirado. Quando já era um pouco mais velho, organizávamos competições contra rapazes das aldeias mais próximas e aqueles que se distinguiam nestas batalhas fraternas eram objecto de grande admiração, como generais após uma grande vitória.

Depois destes jogos voltava para o *kraal* da minha mãe, à hora em que ela estava a preparar o jantar. Do mesmo modo que dantes o meu pai nos contava histórias de batalhas e de feitos heróicos dos guerreiros xossas, a minha mãe deliciava-nos com lendas e fábulas transmitidas por inúmeras gerações. Eram fábulas que estimulavam a minha imaginação de criança, para além de conterem um fundamento moral qualquer. Recordo-me de uma história que a minha mãe me contava, de um viajante que era interpelado por uma velha de olhos velados por grossas cataratas. A mulher pediu-lhe ajuda e o homem virou a cara. Depois chegou outro homem, que foi abordado pela mesma velha. A mulher pediu que ele lhe limpasse os olhos, e, embora achasse a ideia repugnante, o homem

atendeu ao pedido. Por milagre, as escamas caíram dos olhos da velha, que se transformou numa lindíssima rapariga. O homem casou com ela e teve uma vida próspera e abastada. É uma história muito simples, mas a mensagem que transmite é eterna: a recompensa da virtude e da generosidade pode chegar por meios impossíveis de imaginar.

À semelhança de todas as crianças xossas, adquiri conhecimentos sobretudo através da observação. Esperava -se que aprendêssemos por via da imitação e da emulação e não das perguntas. Da primeira vez que estive em casa de brancos fiquei espantado com o número de perguntas que as crianças faziam aos pais e com a disponibilidade destes para lhes responder. Na nossa casa, as perguntas eram um incómodo e os adultos transmitiam só as informações que consideravam necessárias.

A minha vida, como a da maioria dos xossas desse tempo, foi moldada pelos costumes, pelos rituais e pelos tabus. Eram o alfa e o ómega da nossa existência e nunca se punham em questão. Os homens percorriam o trilho que os antepassados tinham aberto; as mulheres levavam uma existência em tudo semelhante à que tinham vivido as suas mães. Sem que ninguém me explicasse, depressa aprendi as regras complexas que governam as relações entre os homens e as mulheres. Descobri que um homem não pode entrar numa casa onde uma mulher deu recentemente à luz e que uma mulher

[24]

recém-casada não pode entrar no *kraal* onde passará a viver sem antes se submeter a uma cerimónia pormenorizada. Aprendi também que negligenciar os antepassados traz má sorte e uma vida infeliz. Se alguém desonrasse os seus antepassados, a única maneira de assumir a necessária contrição passava pela consulta a um curandeiro tradicional ou a um ancião, o qual entrava em contacto com os antepassados para lhes apresentar as desculpas do faltoso. Para mim, todas estas crenças eram inteiramente naturais.

Foi em Qunu, ainda rapaz, que vi os primeiros brancos. Como se impunha, o magistrado local era branco, como também era branco o proprietário da loja mais próxima. Uma vez por outra surgiam viajantes ocasionais ou alguns polícias. Estes brancos para mim eram como deuses, a quem devia tratar com

uma mistura de temor e respeito. Mas a sua influência na minha vida era muito distante e eu pouco ou nada pensava acerca dos brancos nem das relações entre o meu povo e essas figuras longínquas.

No nosso pequeno universo de Qunu, a única rivalidade entre clãs e tribos era entre os xossas e os amaMfengu, alguns dos quais viviam na nossa aldeia. Os amaMfengu chegaram ao Cabo Oriental fugidos dos exércitos de Shaka Zulu, numa época conhecida por iMfecane, uma grande vaga de batalhas e de migrações que ocorreu entre 1820 e 1840, desencadeada pela ascensão de Shaka e do estado zulo, durante a qual o guerreiro zulo procurou conquistar e unificar todas as tribos sob o seu poderio militar. Os amaMfengu, que originalmente não falavam a língua xossa, eram refugiados do iMfecane e viram-se obrigados a desempenhar tarefas que mais nenhum africano aceitava. Trabalhavam nas fazendas e nas lojas dos brancos, o que aos olhos dos xossas era desprezível. Mas os amaMfengu eram gente trabalhadora que, graças aos seus contactos com os europeus, eram frequentemente mais educados e «ocidentalizados» do que os outros africanos.

Nos meus tempos de rapaz, os amaMfengu constituíam o sector mais avançado da comunidade, de onde provinham os homens da igreja, os polícias, os professores, os escriturários e os intérpretes. Foram também os primeiros a abraçar a fé cristã, a construir casas melhores, a usar processos científicos na agricultura, o que os tornava mais abastados do que os seus conterrâneos de origem xossa. Eram a confirmação do axioma propalado pelos missionários de que ser cristão era ser civilizado e de que ser civilizado era ser cristão. Continuava latente uma certa hostilidade em relação aos amaMfengu, mas creio que era mais por inveja do que por animosidade intertribal. Esta forma local de tribalismo, que presenciei enquanto rapaz, era relativamente inofensiva. Nesse tempo não testemunhei, nem sequer suspeitava, das aceras rivalidades tribais que os governantes brancos da África do Sul viriam a fomentar.

O meu pai não partilhava dos preconceitos locais em relação aos amaMfengu e era amigo de dois deles, os irmãos George e Ben Mbekela. Estes

[25]

dois irmãos constituíam uma excepção em Qunu: eram cristãos e instruídos.

George, o mais velho, era professor reformado; Ben era sargento da polícia. Malgrado o proselitismo dos irmãos Mbekela, o meu pai permaneceu indiferente ao cristianismo e manteve a sua fé no grande espírito dos xossas, Qamata, o deus dos antepassados. O meu pai era também um sacerdote não oficial, que presidia a sacrifícios rituais de cabras e vitelos e oficiava nas cerimónias tradicionais das sementeiras, das colheitas, dos nascimentos, dos casamentos, de iniciação e nos funerais. Nunca foi formalmente ordenado, pois a religião tradicional dos xossas caracteriza-se por uma integridade cósmica, pelo que não existe distinção entre sagrado e profano, entre natural e sobrenatural.

Embora a fé dos Mbekela não beliscasse minimamente o meu pai, acabou por influenciar a minha mãe, que se tornou cristã. Fanny era o seu nome cristão, que recebeu na igreja. Foi também por influência dos irmãos Mbekela que fui baptizado na Igreja Metodista, ou Wesleyan Church, como então lhe chamavam, e mandado para a escola. Os dois irmãos, que me viam muitas vezes a brincar ou a guardar as ovelhas, aproximavam-se para falar comigo. Um dia George Mbekela foi visitar a minha mãe.

- O teu rapaz é esperto - disse ele. - Devia frequentar a escola.

A minha mãe não respondeu. Na família nunca ninguém tinha ido à escola e ela não estava preparada para a sugestão de Mbekela. Mas falou no assunto ao meu pai, o qual, apesar da sua falta de educação formal - ou talvez por causa dela -, resolveu de imediato que o filho devia frequentar a escola.

Esta era um edifício composto por uma única sala, com um telhado à maneira ocidental, que ficava do outro lado da colina, em relação a Qunu. Eu tinha sete anos e no dia anterior ao começo das aulas o meu pai puxou-me à parte e disse que eu tinha de ir decentemente vestido para a escola. Até então, e à semelhança de todos os garotos de Qunu, sempre tinha usado uma manta enrolada à volta do ombro e apertada na cintura. O meu pai pegou num par de calças suas e cortou-as por altura do joelho. Mandou-me que as vestisse e o comprimento estava mais ou menos bom; o pior era a cintura, demasiado larga. O meu pai pegou então num cordel e cingiu-me as calças. A minha figura devia dar vontade de rir, mas nunca tive um fato que me orgulhasse mais de vestir do que aquelas calças cortadas pelo meu pai.

No primeiro dia de aulas, a professora, a menina Mdingane, atribuiu a cada um de nós um nome cristão e disse que daí em diante seria por esse nome

que teríamos de responder sempre que estivéssemos na escola. Nesse tempo era um costume entre os africanos, certamente devido ao preconceito dos ingleses quanto à nossa instrução. A educação que recebi foi à maneira inglesa e tanto as ideias como a cultura e as instituições britânicas eram naturalmente consideradas superiores. A cultura africana era uma coisa que não existia.

[26]

Os africanos da minha geração - e mesmo hoje - têm em geral um nome inglês e outro africano. Os brancos não conseguiam, ou não queriam, pronunciar um nome africano, e consideravam pouco civilizado ter um. Nesse dia a menina Mdingane informou-me que o meu nome era Nelson. Qual a razão por que escolheu esse nome e não outro não sei. Talvez tenha alguma coisa a ver com o grande capitão, Lorde Nelson, mas não passa de uma suposição.

3

Certa noite, tinha eu nove anos, apercebi-me de grande agitação dentro de casa. O meu pai, que visitava as suas esposas por turnos e passava connosco mais ou menos uma semana por mês, acabava de chegar. Contudo, não era a ocasião da sua visita, só era esperado dentro de alguns dias. Fui encontrá-lo na cubata da minha mãe, deitado de costas no chão, presa do que parecia ser um interminável ataque de tosse. Até aos meus olhos de criança se tornava aparente que não continuaria por muito mais tempo neste mundo. Sofria de uma doença nos pulmões, que nunca foi diagnosticada porque nunca consultou um médico. Durante vários dias não saiu da cubata, sem se mexer nem falar, até que uma noite a situação piorou. A minha mãe e a mulher mais nova do meu pai, Nodayimani, que tinha vindo passar uns dias connosco, estavam a tomar conta dele, e a altas horas da noite o meu pai chamou por N odayimani.

- Dá-me o meu tabaco - ordenou.

Nodayimani e a minha mãe trocaram algumas palavras e resolveram que seria insensato deixá-lo fumar no estado em que se encontrava. Mas ele insistiu e Nodayimani acabou por lhe encher o cachimbo, acendê-lo e passar-lho para a mão. O meu pai fumou e acalmou-se. Continuou a fumar mais ou menos durante uma hora e quando morreu o cachimbo ainda estava aceso.

Não me recordo de ter sentido um desgosto muito grande, foi mais a sensação de estar à deriva. Embora a minha mãe fosse o centro da minha existência, era através do meu pai que eu me definia a mim mesmo. A morte dele provocou uma profunda alteração na minha vida, da qual não me apercebi nesse momento. Após um curto período de luto, a minha mãe comunicou-me que íamos sair de Qunu. Não lhe perguntei porquê nem para onde íamos.

Embrulhei os meus poucos haveres e uma manhã, muito cedo, metemo-nos ao caminho em direcção a oeste, para o meu novo local de residência. Chorei menos a perda do meu pai que a do mundo que deixava para trás. Qunu era tudo quanto conhecia e amava a aldeia com o afecto incondicional

que uma criança dedica à sua primeira casa. Antes de desaparecermos por detrás dos montes, olhei para trás e lancei sobre a minha aldeia aquilo que pensei ser um derradeiro olhar. Vi as cubatas modestas e as pessoas que se afadigavam nas suas tarefas do dia-a-dia; o ribeiro onde nadava e brincava com os outros garotos; os campos de milho e as pastagens verdes onde os rebanhos e as manadas pastavam preguiçosamente. Imaginei os meus amigos à caça de pássaros pequenos, a beber o leite adocicado das tetas das vacas, a cavaquear à beira da pequena lagoa que se formava ao fundo do riacho. Mas os meus olhos fixaram-se sobretudo nas três humildes cubatas onde tinha fruído do amor e da protecção da minha mãe. Eram essas cubatas que associava a toda a minha felicidade, à própria vida, e arrependi-me de não as ter beijado antes de me vir embora. Não podia imaginar que o futuro que me esperava em nada se podia comparar com o passado que acabava de abandonar.

Caminhámos em silêncio até o Sol mergulhar no horizonte. Mas entre mãe e filho o silêncio nunca é sinónimo de solidão. Eu e a minha mãe nunca falávamos muito, porque não era preciso. Nunca duvidei do amor que me tinha nem do seu carinho. Foi uma jornada cansativa, por caminhos poeirentos, a subir e a descer montes, através de numerosas aldeias, mas não parámos. Ao fim da tarde, no recanto de um vale estreito rodeado de arvoredos, chegámos a uma aldeia no centro da qual se erguia uma casa elegante, maior e mais bela do que qualquer outra que até então tinha visto, a ponto de não conseguir despegar os olhos dela. O conjunto era formado por duas *iingxande* (casas rectangulares) e por sete *rondavels* (cubatas circulares de categoria superior), todas caiadas de branco, que cintilavam sob os raios do Sol-poente. À frente das casas havia uma grande horta e um milheiral orlado de pessegueiros. Nas traseiras havia outro quintal ainda maior, onde se viam macieiras, canteiros com legumes, um renque de flores e um canavial. Perto dali erguia-se uma igreja, também caiada de branco.

À sombra de dois eucaliptos que adornavam a frontaria da casa principal estava sentado um grupo de cerca de vinte chefes tribais. Em redor da propriedade pastava tranquilamente uma manada de pelo menos cinquenta cabeças e um rebanho que não devia contar menos de quinhentas ovelhas. Tudo estava primorosamente cuidado e transmitia uma ideia de abundância e de ordem para além da minha imaginação. Era a Casa Grande, Mqhekezweni, a capital

provisória do reino dos tembos, a residência real do chefe Jongintaba Dalindyiebo, soberano em exercício do povo tembo.

Enquanto olhava, boquiaberto, para todo aquele esplendor, chegou um gigantesco automóvel, que penetrou pelo portão ocidental. Os homens que estavam sentados à sombra puseram -se imediatamente de pé. Tiraram os chapéus e saltitaram, ao mesmo tempo que entoavam «*Bayete a-a-a, Jongintaba!*» (Salve, Jongintaba!), a saudação tradicional devida aos chefes xossas.

[28]

Do majestoso veículo (mais tarde vim a saber que era um *Ford V8*) apeou-se então um homem baixo e entroncado, vestido com um fato elegante. Via-se pelo porte que estava habituado a exercer a autoridade. O nome que tinha era adequado, pois Jongintaba significa literalmente «Aquele que olha para a montanha», e sobre a sua presença maciça convergiam todos os olhares. Tinha a pele escura e um rosto inteligente, e apertou distraidamente a mão a cada um dos homens que se encontravam debaixo das árvores, homens que, vim a saber mais tarde, constituíam a mais alta instância judicial entre os tembos. O recém-chegado era o regente, que viria a ser o meu protector e benfeitor durante a década seguinte.

Nesse momento em que vi Jongintaba e a sua corte sentime como um pinheiro arrancado pela raiz e atirado para uma torrente alterosa e irresistível. Fui avassalado por um sentimento de temor e de espanto. Até então não tinha pensado em nada para além do meu prazer, nem acalentava qualquer ambição para além de comer bem e de ser campeão na luta do pau. Nunca tinha pensado em dinheiro, em classe social, em fama e em poder. Subitamente, um mundo novo escancarava-se diante dos meus olhos. Quando confrontadas com uma atmosfera de grande abundância, as crianças provenientes de meios modestos são às vezes fascinadas por uma infinidade de novas tentações. Não fui excepção à regra e senti que todas as minhas anteriores convicções e lealdades se diluíam. O frágil edifício construído pelos meus pais abanava. Nesse instante percebi que a vida tinha muito mais para oferecer do que ser campeão da luta do pau.

Mais tarde vim a saber que, na sequência da morte do meu pai, Jongintabase tinha oferecido para tomar conta de mim. Tratar-me-ia da mesma maneira que tratava os seus filhos e eu teria as mesmas oportunidades. A minha mãe não tinha escolha possível, pois não podia declinar semelhante oferecimento, para mais vindo do regente. Ficou contente porque, embora fosse sentir a minha falta, sob os cuidados do regente eu receberia uma educação melhor do que a que me poderia proporcionar. O regente não se tinha esquecido que fora graças ao meu pai que ocupava o lugar de chefe supremo.

A minha mãe ficou mais um dia ou dois em Mqhekezweni antes de regressar a Qunu. A nossa despedida foi discreta. Não me pregou nenhum sermão, não me disse nenhuma palavra sábia, não me deu um beijo. Desconfio que não queria que me sentisse abandonado pela sua partida, de modo que foi muito terra-a-terra. Quanto a mim, sabia que o meu pai gostaria que eu recebesse instrução e me preparasse para o mundo exterior, o que não podia ser feito em Qunu. O olhar terno que ela me lançou carregava todo o afecto e ternura de que eu precisava e no momento de partir voltou-se para mim e disse:

- *Uqinisufokotho, Kwedini!* (Tem coragem, meu filho!)

[29]

Em geral, as crianças são pouco sentimentais, sobretudo se têm algo de novo para lhes ocupar a atenção. No mesmo instante em que a minha mãe e melhor amiga se afastava, a minha cabeça girava num turbilhão, em antecipação das delícias que encontraria na minha nova morada. Como é que podia não ter coragem? Pois se até já envergava as elegantes roupas novas que o meu anfitrião tinha encomendado para mim!

Rapidamente me integrei na vida quotidiana de Mqhekezweni. Uma criança adapta-se depressa - ou não se adapta - e eu adaptei-me à Casa Grande como se lá tivesse nascido. Para mim, era um mundo mágico, tudo era maravilhoso; os pequenos trabalhos, entediantes em Qunu, tornavam-se uma aventura em Mqhekezweni. Quando não estava na escola, era cavador, condutor de carroças, pastor. Andava a cavalo e caçava pássaros com uma fisga, tinha companheiros com quem lutava e em certas noites dançávamos ao ritmo dos belos cantos e das palmas das lindas donzelas dos tembos. Embora tivesse

saudades de Qunu e da minha mãe, fui completamente absorvido por este novo universo.

Na escola de uma única sala, anexa ao palácio, estudei inglês, xossa, história e geografia. Líamos o *Chambers English Reader* e fazíamos os trabalhos em quadros de ardósia. Os nossos professores, o senhor Fadana, e, mais tarde, o senhor Giqwa, interessaram-se em especial por mim. Tinha bons resultados, não por ser muito esperto, mas porque era aplicado. Esta autodisciplina beneficiava ainda da acção da minha tia Phathiwe, que vivia na Casa Grande, e que todas as noites corrigia os meus trabalhos de casa.

Em Mqhekezweni havia uma missão da Igreja Metodista, muito mais moderna e ocidentalizada que a de Qunu. As pessoas envergavam roupas modernas. Os homens trajavam fatos completos e as mulheres ostentavam o estilo severo dos missionários protestantes: saias muito compridas, blusas de gola alta, uma manta sobre o ombro e um lenço enrolado com elegância em volta da cabeça.

Se o universo de Mqhekezweni girava em torno da figura do regente, o meu mundo tinha por eixo os dois filhos dele: Justice, o mais velho, o único filho varão e herdeiro da Casa Grande, e Nomafu, sua irmã. Vivia com eles e era tratado exactamente da mesma maneira. A comida era a mesma, as roupas eram as mesmas e executávamos as mesmas tarefas. Mais tarde juntou-se-nos Nxeko, irmão mais velho de Sabata, o herdeiro do trono. Formávamos um quarteto régio. O regente e a esposa, No-England, criaram - me como se fosse filho deles. Preocupavam-se comigo, davam-me conselhos e castigavam-me, sempre num espírito de amor e justiça. Jongintaba era um homem taciturno, mas nunca duvidei do seu afecto por mim. Chamavam-me pela alcunha de *Tatomkhulu*, que quer dizer «avô», porque diziam que quando estava sério parecia um velho.

[30]

Justice, que era quatro anos mais velho do que eu, foi o meu primeiro herói depois da morte do meu pai. Admirava-o sob todos os aspectos. Por essa altura Justice já estudava em Clarkebury, um colégio interno que ficava a uns noventa quilómetros de distância. Alto, musculoso e elegante, era um atleta

magnífico que se distinguia nas pistas, no críquete, no rãguebi e no futebol. Alegre e de convívio fácil, era dotado de um encanto natural que seduzia as audiências com a sua voz e as hipnotizava com os seus passos de dança. Tinha um longo séquito de admiradoras - mas também de críticos' que o consideravam um dândi e um estroina. Tornámo-nos grandes amigos, embora sob muitos aspectos fôssemos o oposto um do outro: ele era extrovertido, eu tímido; ele era descuidado, eu sério. Fazia tudo com a maior facilidade, eu tinha de me aplicar. Aos meus olhos, Justice era tudo o que um jovem devia ser, tudo quanto ambicionava. Embora fôssemos tratados da mesma maneira, os nossos destinos seriam diferentes: Justice estava destinado a herdar um dos mais poderosos cargos de chefia da tribo tembo; quanto a mim, receberia aquilo que o regente decidisse dar-me, na sua generosidade.

Todos os dias entrava e saía de casa do regente para fazer recados. Um dos trabalhos de que mais gostava era de lhe engomar os fatos, uma tarefa que me enchia de orgulho. O regente possuía meia dúzia de fatos de estilo ocidental, e passei muitas horas a vincar-lhe cuidadosamente as calças. O palácio consistia em duas enormes casas de estilo europeu, cobertas por chapas de zinco. Nesse tempo, eram muito poucos os africanos que se podiam gabar de ter uma dessas casas, consideradas sinal de grande riqueza. Em volta da casa principal erguiam-se em semicírculo seis espaçosas cubatas redondas. Estas cubatas tinham soalho de madeira, uma coisa que antes nunca tinha visto. O regente e a rainha dormiam na cubata da direita e a irmã da rainha, na cubata do meio; a da esquerda funcionava como despensa. Sob o chão da cubata da irmã da rainha havia uma colmeia e de vez em quando levantávamos uma ou duas tábuas para roubar o mel. Pouco depois da minha chegada a Mqhekezweni, o regente e a esposa mudaram-se para a *uxande* (a casa do meio), que passou automaticamente a ser a Casa Grande. Perto dela havia três cubatas redondas, mais pequenas: uma para a mãe do regente, outra para os visitantes e uma terceira, que eu partilhava com Justice.

Os dois princípios que regulavam a minha vida em Mqhekezweni eram a hierarquia tribal e a Igreja. Estas duas doutrinas conviviam em precária harmonia, embora nunca as tivesse visto como antagónicas. Para mim, o cristianismo não era um sistema de crenças, era a poderosa fé de um homem, o reverendo Matyolo. A sua formidável presença simbolizava tudo o que me seduzia na fé cristã. Era tão popular e tão amado como o regente,

e o facto de lhe ser superior nas questões espirituais impressionava-me imenso. A Igreja preocupava-se tanto com este mundo como com o outro: no meu entendimento, quase todos os feitos dos africanos pareciam resultar do trabalho missionário da Igreja. A escola da missão ensinava os escriturários, os intérpretes e os polícias, que por essa altura representavam as mais elevadas aspirações dos africanos.

O reverendo Matyolo era um homem entroncado, na casa dos cinquenta e tal anos, senhor de uma voz potente e cava, que gostava de ensinar e de cantar. Quando pregava na modesta igreja situada na extremidade oeste de Mqhekezweni, o edifício regurgitava de assistentes. A nave ressoava com os hinos dos fiéis e as mulheres ajoelhavam-se aos seus pés a implorar a salvação. A primeira vez que ouvi falar dele, depois da minha chegada à Casa Grande, contaram-me que o reverendo tinha expulso um perigoso espírito, usando como armas apenas uma Bíblia e uma lanterna. A história não me pareceu inconsistente nem implausível. Nas suas prédicas meto distas, o reverendo desferia raios e coriscos, à mistura com um pouco de animismo africano. O Senhor era sensato e onnipotente, mas também era um Deus vingativo, que não deixava escapar nenhum pecado sem punição.

Em Qunu, só tinha ido uma vez à igreja, no dia em que fora baptizado. A religião era um ritual ao qual não atribuía qualquer sentido, que só praticava por causa da minha mãe. Mas em Mqhekezweni a religião estava intimamente associada à vida social e todos os domingos assistia à missa na companhia do regente e da mulher deste. O regente levava a religião muito a sério. A única vez que me deu uma tarefa foi por ter faltado a uma cerimônia de domingo para tomar parte numa luta contra rapazes de outra aldeia, uma transgressão que não voltei a cometer.

Não foi a única vez que fui repreendido por causa do sacerdote. Uma tarde entrei na horta do reverendo Matyolo e roubei algumas maçarocas de milho, que ali mesmo assei e comi. Uma garota viu-me a comer o milho e denunciou-me. A novidade correu depressa e chegou aos ouvidos da mulher do regente. Nessa noite, ela esperou pela hora da oração - que era um ritual diário -, confrontou-me com o meu acto indigno e censurou-me por me ter "apoderado da comida de um pobre servo de Deus e de desgraçar a família. Disse que

certamente tinha sido o diabo a induzir-me àquele pecado. Recordo-me de sentir um misto desagradável de medo e de vergonha - medo de alguma vingança cósmica e vergonha por ter traído a confiança da minha família de adopção.

Graças ao imenso respeito de que o regente gozava - tanto da parte dos negros como dos brancos - e ao poder aparentemente sem limites de que dispunha, eu via a autoridade do chefe como o centro em torno do qual tudo girava. O seu poder e influência impregnavam todos os aspectos da

[32]

vida em Mqhekezweni e eram o meio mais eficaz para qualquer pessoa alcançar influência e estatuto.

As ideias sobre liderança que mais tarde desenvolvi foram profundamente marcadas pela observação do regente e da sua corte. Assisti e aprendi imenso com as reuniões tribais que regularmente tinham lugar na Casa Grande. Não eram previamente marcadas, realizavam-se quando era preciso e abordavam temas de interesse geral como uma seca, a selecção do gado, as determinações do magistrado ou as leis promulgadas pelo Governo. Todos os tempos podiam comparecer e eram muitos os que apareciam, tanto a pé como a cavalo.

Nessas ocasiões o regente estava rodeado pelos seus *amaphakathi*, um grupo de conselheiros de alta estirpe que desempenhava as funções de parlamento e tribunal. Eram homens sensatos que conheciam a fundo a história da tribo e cujas opiniões eram tidas em grande conta.

O regente enviava cartas a esses chefes, a convocá-los para uma reunião, e dentro de pouco tempo a Casa Grande animava -se com a presença de pessoas importantes, vindas de todo o território. Os hóspedes reuniam-se no pátio fronteiro à casa do regente, que inaugurava o conselho expressando os agradecimentos a todos os que tinham comparecido e explicava o motivo da reunião. A partir desse momento não pronunciava mais uma palavra até perto do final do encontro.

Todos os que quisessem falar podiam fazê-lo. Era democracia na sua

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Longo Caminho Para a Liberdade" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).